

# A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-4-1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redação e administração  
AVENIDA RANGEL PESTANA N.º 281  
(Antiga Ladeira do Carmo, 9)

ASSINATURAS:  
Número avulso \$200 -- Semestre \$600  
Ano 10\$000 -- Pacote: 12 exemplares 2\$000

Toda correspondência, vales e registros  
devem ser endereçados à Caixa Postal, 190  
S. Paulo — Brasil

## Aqui jaz uma revolução...

Lama, sangue, opressão, tirania, despistamento, prisões, arbitrariedades, invasão de sindicatos operários, expulsão de trabalhadores, eis o registro de uma revolução que se fez para regenerar os costumes políticos no Brasil.

Afastada cada vez mais dos interesses do povo, a revolução outubrista sofre agora, nas urnas, o último golpe de desprezo dado pelas massas oprimidas, que esperavam uma realização de promessas feitas para a solução dos seus problemas imediatos e, mentindo covardemente, os outubristas arrastaram-se, de crime em crime, até à tirania fascista. As figuras do heróis de capa e espada que defilaram pela revolução de 30, perderam-se na sombra das suas truculências deixando na história do proletariado páginas de sangue, de terror e de ignomínia.

Desiludido, o povo deixou a revolução abandonada à sua própria sorte, negou-lhe o apoio a que não tinha direito, dando como resposta aos seus namoros de Tartufo a abstenção eleitoral ou o voto às oposições.

E' que os revolucionários de 30, excepção, feita dos que sinceramente nela tomaram parte mas que, desiludidos, se afastaram ou foram afastados deixando-a entregue aos elementos clericais-reacionários, pensaram que o povo só anda a toque de caixa, ouvindo o bater das esporas no terreiro das feitorias de escravos, movimentando-se ao toque dos sinos a dobrar a estupidéz dos claustros.

A abstenção do elemento proletário às urnas, pois não chegam a votar um milhão de pessoas numa população de quarenta milhões, é uma prova de que as classes proletárias nada mais esperam da politica, já estão cansadas de ser burladas e mistificadas.

E é desse estado de coisas que ha-de surgir a Revolução Social que implantará no Brasil, como o ha-de implantar em toda a parte, um regime de garantia para os direitos humanos, o Comunismo Libertario.

### Uma agressão inominável que teve todas as características de uma "punição" fascista

No Rio de Janeiro, como já estarão ao par todos os leitores de "A Plebe", através dos jornais diários, o jornalista Aporely Tonelly, o popularíssimo Aporely de "A Manhã", foi vítima de uma covarde agressão.

Uns desconhecidos, que depois constou serem oficiais da Marinha, conduziram-no para a estrada da Gavea e ali, depois de o espancarem barbaramente, raparam-lhe a cabeça e despiram-no deixando-o nú em plena estrada.

Essa violencia sofrida por Aporely tem todas as características de uma agressão fascista.

Não sabemos os motivos que levaram os oficiais da Marinha ao cometimento dessa infâmia. Atribue-se, porém, á publicação no folhetim do "Jornal do Povo", do qual é director o popular jornalista, de um livro sobre a revolta da Marinha em 1910.

Quisquer que sejam, porém, as causas, essa estúpida agressão foi um requinte de selvageria que merece a condenação de todas as pessoas de bom senso.

"A Plebe" protestou junto á Associação Brasileira de Imprensa e transmitiu ao jornalista Aporely um telegrama de solidariedade.

Esses fatos, muito em moda nos países onde a vida do individuo está á mercê do bom ou mau humor dos tiranos que se empoleiraram no poder, nos povos esmagados pela bota das ditaduras fascistas, aberram, entretanto, dos principios democraticos e constitucionais com que os nossos homens enchem a boca para aparvalhar os ignorantes.

Esse e outros fatos que se estão passando nas prisões com operários sequestrados, demonstram bem o que espera aos homens livres se o integralismo conseguir fazer adeptos no Brasil. Felizmente, a repulsa do povo brasileiro ao regime fascista é de tal maneira expressiva, que nos induz a não crer nas possibilidades dessa monstruosidade, produto do capitalismo agonizante.

### UM CENTRO DE CULTURA EM RIO CLARO

Comunicamos o companheiro corresponsável de "A Plebe" em Rio Claro, que acaba de se fundar, na mesma cidade, o "Centro Proletario de Estudos Sociais", cuja finalidade é desenvolver, por meio de conferências, publicações, etc., os conhecimentos científicos e filosóficos das doutrinas sociais que agitam o mundo moderno.

Despertou grande interesse essa iniciativa e houve de qual se encontraram interessados estudantes do ensino secundario de Rio Claro.

## Insulta-se a Justiça e achincalha-se a lei

**NAO HA MAIS GARANTIAS PARA A VIDA DOS TRABALHADORES PORQUE AS AUTORIDADES POLICIAIS, ESCARNECENDO DA CONSTITUICAO E DA JUSTICA, MENTEM DESPREZANDO AOS JUIZES, E ESTES ACREDITAM MAIS NAS MENTIRAS DA AUTORIDADE POLICIAL DO QUE NAS PROVAS DE TESTEMUNHOS LEGAIS E NA VERDADE DOS FACTOS**

Os nossos leitores já devem estar ao par das infâmias praticadas pela policia da Ordem Social contra honestos trabalhadores, camaradas nossos, que foram arrancados ao convívio das suas familias e metidos arbitrariamente nos imundos xadrezes da Rua dos Gusmões.

O pretexto para essa inqualificavel violencia foram os factos da Praça da Sé, no dia 7, já relatados em nosso numero anterior.

A vergonhosa derrota com que foram escuraçados os "camisas verdes", naquelle dia em que pretendiam fazer uma "demonstração de força", foi uma consequencia logica da repulsa das classes trabalhadoras á ridícula manifestação do integralismo. Os "camisas verdes" sabem que em São Paulo o povo não os tolera, como não os tolera em parte alguma do Brasil, pois em toda a parte tem sido corridos a pau, á pedra, á bala ou sob as saravadas de apupos e assobios.

A policia, entretanto, ao invés de castigar a perversidade dos "chefes" dessa macaqueação fascista que atraem, explorando sentimentos e preconceitos nacionalistas, incautos e ignorantes mocinhos que não possuem personalidade propria, facéis de manear pela sua inconciencia, para expô-los criminosamente ao ridículo das multidões e aos perigos da luta e dos conflitos sociais, prende operários e persegue os trabalhadores organizados para defesa dos seus direitos.

Noutra parte do jornal publicamos a copia de um officio que foi enviado pela Federação Operaria de S. Paulo ao Chefe de Policia, ao sr. Interventor e ao Ministro da Justiça. Isso nos abstém de rela-

tar o que se está passando com as pessoas dos companheiros João Perez, Natalino Rodrigues, Antonio Araujo e Eulesterio Nascimento.

Eulesterio, desaparecido ha mais de um mês, fora preso pelo facto de estar esperando companheiros para proceder á cobrança de mensalidades do Sindicato de que era cobrador.

A policia cometeu com ele a infâmia de apresentá-lo, em nota fornecida aos jornais, como "perigoso ladrão".

Isso levou os Sindicatos proletarios a protestar, indo comissões de trabalhadores ás redações dos jornais e lançando manifestos em que se denunciava essa desfaçatez da policia.

Pela bem, Eulesterio desapareceu nas sombras dos xadrezes da policia de Ordem Social, foi sequestrado criminosamente pelos esbirros policiaes e até hoje não aparecem aos seus companheiros nem á sua familia.

Isso é uma infâmia que os trabalhadores precisam conhecer para que se convençam de que a lei, a Constituição, os meios licitos são palavras de retorica para uso externo dos detentores da poder.

Com João Peres, Natalino Rodrigues e Antonio Araujo está acontecendo o mesmo fato.

A policia nem sequer assume a responsabilidade das violencias que comete.

Nega que os companheiros se encontrem presos, zombando dos juizes, da lei, da Constituição e, sobretudo, da dignidade proletaria.

A companheira de Perez tem sido estupidamente mistificada pelos esbirros da Rua dos Gusmões, que lhe tem mentido, tem-na burlado e tem zombado da sua dor, da sua angustia

e da sua dedicação ao companheiro.

O mesmo tem acontecido com os outros presos que ás ordens do dr. Costa Ferreira se vêem privados da liberdade, explando culpas que não tem.

O que, sobretudo causa indignação, é ver como os juizes consentem que se zombe também das suas togas, que a elle mesmo a policia faça de joguetes á capricho do reacionarismo fascista.

Isso demonstra até onde chega a podridão moral desta sociedade onde nem mesmo os juizes são senhores da firmeza de acção, em que a retidão da justiça faria romper em gargalhadas ao mais sbrudo "tony" de circo de cavafinhos.

Os trabalhadores nada podem nem devem esperar da justiça burguesa.

Como a propria sociedade burguesa, onde tudo se vende, a justiça está sujeita aos interesses da classe dominante, em detrimento da liberdade do povo.

A vida dos trabalhadores está sem garantias, á mercê de qualquer beleguim da policia que se lhe antolhe perturbar a vida de quem trabalha, não se importando com as necessidades dos filhos e das mulheres proletarias.

Para onde apelar? para o unico meio de evitar a pratica dessas infâmias e violencias: a derrubada das instituições burguesas, á abolição do Estado e a instituição das communas livres de trabalhadores livres.

Até lá só nos cabe protestar, desvendar os crimes da burguesia, e arrancar as vítimas da prepotencia ás garras da tirania capitalista, fazendo valer a força da consciencia proletaria contra os crimes do capitalismo.

### Em Cruzeiro tambem os "galinhas verdes" foram surrados

Chefiados por um dos "chefes" nacionais e perpetuos do integralismo, um grupo de aparvalhados "galinhas verdes" chegaram, de surpresa, a esta cidade, nos ultimos dias

de outubro, para fazerem um comício em praça pública. Os antifascistas, embora não estivessem prevenidos, avisaram-se uns aos outros como puderam e á hora da "concentração" o público era formado pelos antifascistas locais.

Mal surgiram os primeiros "galinhas verdes", uma saravada de assobios, e gritos de "morra o fascismo!" partiu do povo ali reunido.

O "chefe" perpetuo e nacional tentou soltar falação, mas a gritaria e os assobios eram tantos que abafavam a sua voz de demagogo.

Intervindo a policia, nada conseguiu, porque o povo estava disposto a não permitir a palhaçada verde.

Sempre debaixo de apupos, de toque de lata, velhas e assobios, os "galinhas verdes" encurrallaram-se no hotel, protegidos pela policia, cujo cerco ainda chegou a ser rompido pela massa de povo que queria invadir o hotel para toca-los da cidade á pau.

Os encamizados ficaram fujos de raiva e saíram rangendo os dentes, prometendo "punições" e cabeças cortadas...

Disseram tambem que voltavam, mas os antifascistas agora já não estarão desprevenidos e hão-de fazer-lhe, talvez, uma recepção "honrosa". Que venham los valientes! .. Cruzeiro, 20/10/34.

Antonio Plebeu

## Estilhaços...

### Proletario...

Se tu morres, proletario, a pápi, o rei e o burguez também morrerão. Mas, proletario, se o pápi, o rei e o burguez morrerem, tu, proletario, tu melhor ainda viverás... Uelzab

### Propriedade

— Papai, porque o senhor deu metade do arroz ao sr. Gloria? — Era dele, meu filho. — Mas ele não plantou, foi o papai? — Mas ele é dono da terra. — Ué, papai, a terra também tem dono! ..

## Dia 17 de Novembro Festival de Solidariedade aos presos sociais

# A exploração da felicidade

Gozar, sofrer! Entre esses dois polos oscila a vida dos indivíduos. Instintivamente, odeiam ao sofrimento e procuram a alegria, como fogem das trevas e amam a luz.

Amesquidados pela noite, que lhes trazia a temível vischosa das lérias e que povoava a escuridão de fantasmagóricos amonitores — filhos da sua imaginação — os homies primitivos desejavam sempre viver à luz solar os seus dias. E o sol afastando-lhes o medo, foi o primeiro deus que adoraram.

Muitos passaram a consciência humana, sempre crescente, trouxe aos homens novas causas de sofrimento e novas faculdades para sofrer. Cansados, sempre à mercê das forças adversas da vida, os homies quiseram escapar ao imperativo categorico dessas faculdades. Do mesmo modo que os seus avós desejavam a luz eterna, eles aspiravam a um estado de coisas em que, ausente a dor, prevalecia o gozo supremo de viver, e chamaram a isso — felicidade.

Na ideia de acalmar um dia a sede insatigável de ser feliz, crearam num mundo além-túmulo onde, sem contratempos, satisfariam todas as suas necessidades.

A criança, num seu promissor de felicidades, empolgou gerações de seres humanos, impressionando-os para a luz abençoada que parecia estar ao alcance da sua mão, perto e próximo. Entreavam-na com os olhos luminados, acreditaram nela, e alguns supuseram valorosamente o martírio para possuila.

Desapercebido e ao lado dos primeiros adeptos, a luz avistada transfigurava-se em dogmas rígidos e ferrosos que abalavam, sob a letra, o espírito da primeira doutrina.

Successivamente, todas as religiões passaram a ser barreiras para os seus adeptos. Sob pretexto de impedir o ser humano de trilhar o caminho da vida, o pensamento avançou encoberto embora numa luz de promessas, abismado na noite eterna da ignorância. Alguns, porém, foram os primeiros a despertar-se.

calhado, aviltado, o pensamento individual tornou-se crime, e acenderam-se fogueiras para aqueles que não se dobravam no embrutecimento geral.

A miséria espiritual do mundo juntava-se à aflicção física. Os homies, cada mais esperando de um deus cego e surdo desde séculos, entregaram-se a si mesmos para pôr um termo a todas as iniquidades que os assaltavam.

O povo, tendo fé em si, revoltou-se contra o regime que o castigava com a culpa da religião. Ele subiu, ainda outra vez, ao assalto da felicidade. Julga encontrar-la, porém, na terra e levado por generosas ideias, acreditou poder estabelecer o regime de igualdade, liberdade e fraternidade.

Acabado o rude combate, ele viu as riquezas, arrastadas dum lugar e acumuladas, de novo, nas mãos de alguns, e conservou o seu corolario de miséria. Ao tirano destronado sucederam-se outros tiranos que ditaram outras leis, as quais, na sua aplicação, ainda mais recalcaram as aspirações dos indivíduos e lhes produziram maiores males.

Sujeito à lei de um só ou de lei de numero, a memoria do homem pôde registrar a elaboração e a queda dos sistemas mais judiciosamente edificadas, a fundação e adulteração das mais belas instituições, a instalação e podridão dos regimes, sem que a humanidade tenha avançado um só passo no caminho da felicidade.

Cada religião nova, cada revolução social, acharam o individuo carregado de sofrimentos, o ouvido atento aos sons falsos e prometedores das suas esperanças.

Todas, para crescer, exploraram nele o seu instinto de felicidade. Todas serviram-se da força da sua revolta para fazer desabar as dominações do dia. Todas, alternativamente, uma vez os alicerces da sua potencia cimentados, esmagaram-no e viveram das suas dores.

Juliette, Withoutname

## Solidariedade aos presos sociais

Se faltou a decisão necessaria aos juizes para fazerem valer as determinações da lei e do Direito nos casos de sequestro, por parte da policia de Ordem Social dos operarios João Perez, Natalino Rodrigues e Antonio Araujo, não lhes faltou, entretanto, a solidariedade dos trabalhadores.

Ao nosso apelo do passado numero de "A Plebe" acorreram todos os camaradas, mesmo os que de ha muito estão afastados das atividades da propaganda, para trazerem o seu apoio monetario e a sua solidariedade moral aos companheiros victimas da prepotencia policial.

Essa demonstração de solidariedade foi uma prova de simpatia para com os companheiros presos, que deve continuar afim de fazer frentis ás despesas que, para liberta-los, fôr necessario fazer.

Deixamos registado o nosso apelo. No proximo numero registaremos todas as contribuições pró presos.

## Do Rio CONTINUA

pesando sobre Hermínio Marcos a ameaça de expulsão

Hermínio Marcos continua na Casa de Detenção do Rio de Janeiro, sob a ameaça de expulsão do territorio nacional.

Entretanto, esse companheiro cometeu apenas o crime de pensar alto e defender os seus principios com o talento que lhe é peculiar, em conferências e reuniões publicas.

Tem se manifestado em torno de Hermínio Marcos a solidariedade dos seus companheiros e os trabalhadores organizados tem protestado contra essa ameaça que pesa sobre ele.

Muitos tem sido os manifestos de agitação e protesto distribuidos ás classes proletarias em defesa da liberdade desse companheiro vitima da reação policial burguesa.



## Momentos épicos

Como na antiga lenda, em que o dragão se arrasta vagaroso em busca da donzela pulcra que se imola em holocausto a tranquillidade da paragem, assim o monstro integralista rastelava, pequeno e preguiçoso, tentáculos nojentos, escuras verdejantes pelo lado, olfateando a presa que sabia encontrar-se à sua espera, na escadaria da Sé.

De fato, estava ali a donzela, linda, sublime e bela como sómente um anjo pôde imaginar. Vestia um traje rubro, de orla preta, olhar limpo e fixo no oriente, erguidos os braços num gesto de revolta, e aos seus labios cor de fogo afloravam sorrisos alentadores para os desesperançados.

Surgia dessa portentosa imagem o canto de um himno que se diluía no ar, tecendo um cantico rebelde que ia aninhar-se na alma indomita do leão que rugia enfurecido: o povo. Esse povo que num momento heroico deixara a mansuetude que tanto o aprisionara e que, rompendo as malhas da inercia, saia à rua, sedento de luz e liberdade, a disputar á fera integralista a formosa dama da terra prometida.

O céu plumbeo rojava o firmamento de gotas cristalinas, como um tributo ao gesto inacessível que madurecia nos corações rebeldes. Um oceano de gente a palpitar povoava a praça. De todas as raças, cores e nacionalidades, surgiram combatentes que extasiavam de amor pela donzela que o monstro pretendia devorar e que, impassível, tranquila e orgulhosa, parecia indiferente ao sofrimento atroz de tantos pretendentes.

A beleza insinuante dessa ninfa era um singular estímulo para a terrível batalha que se devia ferir, e miriades de homens se agitavam trefegos na incognita de um sanguinolento epilogo.

Horas de indecisão voavam pelo espaço, procurando adivinhar na multidão inquieta o compute dessa jornada tragica onde milhares de olhos, quais lanças afiadas, penetravam contudentes na área do coração que palpitava ansioso.

A verdade, escorregadia e furtiva, esgueirava-se surpreendida pelo afincos refletido e segno dos titans do ideal, que alteavam o facho da revolta dispostos a vencer ou a succumbir lutando.

O lance se aproxima. A beldade fantastica da donzela ideal parecia desdobrar-se numa visão extranha que percorria o ambito acariciando a fronte desses bravos rijos como o aço, lançando olhares despicentes para esses vis que na hora da refrega, traíndo o pacto de solidariedade, se homisiavam na sombra da propria covardia. A rebeldia espreitava, em fraternais complexos, os sérgs de pensamentos livres.

Ulivos horripilantes ouviram-se no vacuo; era o monstro que mostrava as garras pungentes e aguçadas, que, trepidantes, tentavam desgarrar o corpo impoluto da donzela.

Um turbilhão de vozes anunciou o inicio da peleja, e o fragor da metralha se expandia em rajadas míficas de manumissão; os homens se batiam com denodo, estoicos e aguerridos, leoninamente. Momentos épicos que na Historia se en crustam como rochedos a desafiar os golpes do oceano secular.

Alguns instantes de luta, e o dragão fascista succumbia, mesquinho e arquejante, num derradeiro e diabolico exterior. E no torvelinho dessa arrancada ingente, o povo, erguido como um só gigante, debalde procurava a testa da serpente integralista. Ela chafurdava, longe dali, na lama putrida que nie-dece a vida. Dos mortos que jaziam pelo chão, uma figura se destaca invulneravel, semblante fino, ativo e sorridente: a figura idealista do estudante que tombara martir, agitando a bandeira da vitoria como oferta á sedutora jovem que tanto o apaixonara.

Terminou a jornada na eclosão dos fatos, um paradoxo salta brevemente: o povo, a quem falta o pão, o tecto e os melos de subsistencia, esquece tudo isso, e vai defrontar-se na perigosa liça em defesa da donzela que olha para o Oriente.

Que extranha psicologia a do povo, diria alguem: obvida a fome e luta por um simbolo! Mas quem será, afinal, essa virtuosa fada que logra sopitar a tortura da fome?

Ali está ela, vês? Repara bem! dentro das masmorras infectas da Rua dos Gusmões, onde os fariseus modernos sepultam os homens que pensam alto. Ali está ela, iluminando ás almas na escuridão do carcere, qual tocha viva em cujas chamas a musa inspiradora do pensamento anarquico cantará um dia as estrofas do porvir!

Ali está ela, vês? É a liberdade!

É a linda e querida liberdade, que o monstro queria devorar.

PEDRO CATALO

## Pró liberdade de João Perez, Natalino Rodrigues e Antonio Araujo

O Comité de Relações dos Grupos Anarquistas de São Paulo protesta

Acompanhando o movimento de protesto que está agitando as classes proletarias de São Paulo em torno das violências policiais, o Comité de Relações dos Grupos Anarquistas vem desenvolvendo intensa atividade em todos os grupos.

Nas ultimas reuniões, ás quais tem comparecido grande numero de delegados das agrupações anarquistas, foram tomadas varias resoluções referentes ao caso.

Os grupos do interior já estão sendo postos ao par dos acontecimentos por meio de circulares e correspondencia.

Ha um perfeito entendimento entre todos os nucleos anarquistas no sentido de que seja obtida, por qualquer meio, a liberdade dos operarios detidos arbitrariamente pela policia de Ordem Social.

**AÇÃO ENTRE AMIGOS PRO PRESOS SOCIAIS**

A ação entre amigos pró presos sociais cuja extração se deu a 13 do corrente, saiu premiada com o numero 284 do primeiro premio da loteria federal.

O quadro a oleo acha-se á disposição da pessoa portadora do bilhete premiado, na redação de "A Lavoura".

**CENTRO DE CULTURA SOCIAL**

Hoje á noite, no salão da Rua Quintino Bocaiuva, 88, o sr. L. A. Moreira fará uma conferencia sobre o tema: RECONSTRUÇÃO PARA O IDEAL.

É um assunto de atualidade e interessa todos os estudantes das quaesdaes sociais.

Entrada franca.

# CRISTOLOGIA

III (e ultimo)

Sobretudo, não se esqueça: Cristo não é deus, mas um homem de carne, um ser humano de Imperio romano, filho de Josef, e de Maria. Ele não é deus, mas um homem de carne, um ser humano de Imperio romano, filho de Josef, e de Maria. Ele não é deus, mas um homem de carne, um ser humano de Imperio romano, filho de Josef, e de Maria.

## (Parte de um capitulo do novo livro de Pompeyo Gener — In-ducciones, inserto no livro de Frederico Urales — La-evolución de la Filosofia en España — (Tradução de Fabio Luz)

Em todo o século VIII, a partir do IV, a cruz costuma encontrar-se somente por detrás da cabeça como raios solares ou nimbo em forma de cruz; isto desde o momento em que Jesus foi declarado o Xristos ou emanação divina. Antes a cabeça dele não estava assim amada, nem tinha forma antropomorfica. No século VIII se fixou em cruz com os braços abertos, mas com lâmpas largas. No século X e somente uma taça que o cobre da cintura aos joelhos. Nos séculos XI e XIII começa a manifestar-se, a ter caudas, destacando as costelas e aparece a ferida debaixo da manito esquerda. Logo lhe põem calceira desgrenhada, larga barba, coroa de espinhos etc.; mas os braços acompanhados as lâmpas da cruz. Somente nos séculos XIII e XIV aparece como que caído com os braços cravados, dos quaes está pendente o corpo e as mãos desgarradas, escorrendo sangue.

Aqui é a proposta da fixação do Cristo na cruz, trasladando a opinião de um habido erudito: — É possível que o Evangelho de S. João (que está provado foi composto com um relato Alexandrino, neoplatonico ou Gnostico) tivesse influencia do suplicio de Prometeu e mais do que deste o de Bala, cuja forma de crucificação era popular na Numidia, tal como demonstra uma pedra votiva numida, em que o deus babilonico aparece morto de pé, com os braços extendidos como os Cristos modernos.

Em todo o exposto se induz que a forma de Jesus Cristo, tal como se vem venerando desde a idade media, é originada de se haver confundido 1.º O Homem e Crucificado e o Ungido, por um erro de tradução dos judeus-cristãos; 2.º de haverem tomado Cruz, por o torca, como o seu simbolo do Sol, babilonico e Tarta e haverem dado ao instrumento de suplicio essa forma. Tudo isto resulta dos conhecimentos trabalhosos e vagos dos primeiros séculos que se tem recebido de segunda mão. Assim é indubitavel que o Cristianismo primitivo não foi mais do que a última das religiões seculares, em que o deus babilonico e Tarta, para dar nova vida aos mortuos, levanta-se e renasce, segundo o mito das probabilidades da ultima era, que de certo de Zoroastri em Alexandria.

Em todo o século VIII, a partir do IV, a cruz costuma encontrar-se somente por detrás da cabeça como raios solares ou nimbo em forma de cruz; isto desde o momento em que Jesus foi declarado o Xristos ou emanação divina. Antes a cabeça dele não estava assim amada, nem tinha forma antropomorfica. No século VIII se fixou em cruz com os braços abertos, mas com lâmpas largas. No século X e somente uma taça que o cobre da cintura aos joelhos. Nos séculos XI e XIII começa a manifestar-se, a ter caudas, destacando as costelas e aparece a ferida debaixo da manito esquerda. Logo lhe põem calceira desgrenhada, larga barba, coroa de espinhos etc.; mas os braços acompanhados as lâmpas da cruz. Somente nos séculos XIII e XIV aparece como que caído com os braços cravados, dos quaes está pendente o corpo e as mãos desgarradas, escorrendo sangue.

Aqui é a proposta da fixação do Cristo na cruz, trasladando a opinião de um habido erudito: — É possível que o Evangelho de S. João (que está provado foi composto com um relato Alexandrino, neoplatonico ou Gnostico) tivesse influencia do suplicio de Prometeu e mais do que deste o de Bala, cuja forma de crucificação era popular na Numidia, tal como demonstra uma pedra votiva numida, em que o deus babilonico aparece morto de pé, com os braços extendidos como os Cristos modernos.

Em todo o exposto se induz que a forma de Jesus Cristo, tal como se vem venerando desde a idade media, é originada de se haver confundido 1.º O Homem e Crucificado e o Ungido, por um erro de tradução dos judeus-cristãos; 2.º de haverem tomado Cruz, por o torca, como o seu simbolo do Sol, babilonico e Tarta e haverem dado ao instrumento de suplicio essa forma. Tudo isto resulta dos conhecimentos trabalhosos e vagos dos primeiros séculos que se tem recebido de segunda mão. Assim é indubitavel que o Cristianismo primitivo não foi mais do que a última das religiões seculares, em que o deus babilonico e Tarta, para dar nova vida aos mortuos, levanta-se e renasce, segundo o mito das probabilidades da ultima era, que de certo de Zoroastri em Alexandria.

Federico Urales faz o seguinte exposto: "Cristos que mostram traços de Xristos, e que mostram a importância da-



